

OPÚSCULO 18

— Pequenas Construções Literárias sobre Architectura —

António Baptista Coelho

ENTRE CASA E CIDADE,
A HUMANIZAÇÃO
DO HABITAR

ENTRE CASA E CIDADE, A HUMANIZAÇÃO DO HABITAR

Sobre o habitar a cidade e a casa hoje em dia

*Se o modo mais natural de fazer cidade é com habitação e se cidade sem habitação não faz sentido,*¹ então talvez a partir da análise das melhores intervenções habitacionais, feitas com base em projectos de arquitectura urbana, possamos identificar os caminhos mais adequados para se fazerem ou refazerem partes de cidade agradáveis e vivas; um objectivo que é, aliás, fundamental quando se desenvolvem soluções viáveis para os grupos socialmente mais sensíveis.

Num perspectiva complementar, e porque sabemos que os modos de vida mudaram e se diversificaram, é necessário flexibilizar a oferta de soluções residenciais e, conseqüentemente, urbanas. É, assim, cada vez mais necessário assumir que a cidade se habita em vários espaços, que vão dos interiores domésticos apropriados individualmente aos espaços da cidade, espaços estes que têm de ser devolvidos aos usos públicos, intensos e partilhados e a uma estima pública que tem de acompanhar e ser caracterizada pelos respectivos e diversos ambientes de proximidade. E se as mudanças dos modos de vida transformaram muitas casas em espaços de solidão, a vida urbana é cada vez mais fundamental para se viver com diversidade e estímulo.²

Dois objectivos aliados: cidade mais viva e melhor habitada

A ideia que se propõe é melhorar as condições do habitar em simultâneo com a qualificação de uma cidade mais viva e, portanto, mais habitada. Trata-se de optar por uma resolução dupla de problemas que foram e são críticos. Afinal, com um número reduzido de fogos e com limites de custo, também é possível enriquecer a paisagem urbana.

Cada vez mais o habitar tem de ser entendido numa perspectiva ampla, como entidade viva que contribua para a vida da vizinhança, do bairro e da cidade. Quando pensamos nas vizinhanças urbanas, que são as células de uma cidade, elas devem integrar, além das habitações, pequenos equipamentos adequados ao serviço das diversas necessidades dos habitantes e ao estímulo do convívio. Trata-se de pensar a cidade como uma verdadeira extensão do habitar para além das paredes da casa de cada um.

Por exemplo, os pequenos cafés e restaurantes estrategicamente situados em esquinas e passagens, tornam-se verdadeiros prolongamentos das nossas casas. O leque de possíveis equipamentos de proximidade e de acessibilidade tornam a cidade circunvizinha mais partilhável e estimulante. Uma cidade de vizinhanças caracterizadas através de imagens que se enriquecem na diversidade de soluções de habitar «casa e rua», diversidade capaz de corresponder a necessidades e a gostos específicos e, assim, cumprir diferentes objectivos domésticos e urbanos.

Para podermos gozar o espaço urbano importa não esquecer o seu sentido lúdico. Essa qualidade define-se, essencialmente, a partir da articulação dos acessos às habitações e aos equipamentos com o respectivo espaço urbano pormenorizado, sendo determinantes o predomínio estratégico do peão e a variação das formas de conjugação entre os vários elementos em presença. A introdução ou a reintrodução de espaços de residência deve estar aliada à vitalização e à (re)qualificação urbana dos respectivos sítios de intervenção; uma condição importante para a coerência e viabilidade de tais acções.

Actuar desta forma exige uma arquitectura urbana pormenorizada, caracterizada por uma pequena escala civicamente enriquecedora, sem qualquer repetição «automática» de soluções, e com intervenções feitas à medida de cada lugar, valorizadoras das condições preexistentes e marcadas pela qualidade arquitectónica. Trata-se de um processo



—Cooperativa de Habitação Económica Farenses, Coobital, Faro,
Alto de Santo António, 1991, Arquitectos José Lopes da Costa e José Brito—

que exige enquadramento específico, já que o segredo é, realmente, a qualidade do projecto. E é essa qualidade que tem de ser exigida, verificada e direccionada de acordo com as melhores circunstâncias. É uma qualidade que dificilmente tolera tábuas rasas e exige a aprendizagem com a experiência acumulada, experiência muito presente na história da habitação de interesse social em Portugal, que, como se sabe, foi projectada, quase sempre, por arquitectos.

SOBRE OS EXEMPLOS DA NOSSA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

O conhecimento aprofundado sobre a produção de habitação de interesse social em Portugal durante o último quarto de século deve-se, em boa parte, às 18 edições anuais do Prémio INH, de 1989 a 2006, e aos Prémios promovidos pelo IHRU em 2007 e 2008, que seguiram uma metodologia idêntica.³ Os conjuntos residenciais analisados nesse âmbito constituem cerca de um terço de toda a promoção de habitação de interesse social financiada pelo Estado e correspondem a cerca de 600 intervenções municipais, cooperativas e privadas. Nessa análise, os conjuntos residenciais foram pormenorizadamente visitados e localmente discutidos em cerca 600 reuniões de análise multidisciplinar. Essa metodologia assegurou, nos últimos 20 anos, a existência de um verdadeiro observatório da habitação produzida em Portugal com apoio do Estado.⁴

A melhor habitação de interesse social portuguesa é caracterizada por uma estimulante diversidade de soluções, onde se constata as evidentes vantagens físicas e sociais da pequena dimensão e da máxima integração das intervenções. Do conjunto destacam-se importantes temas de projecto e obra que importam aprofundar, nomeadamente a adequação aos velhos e novos modos de vida e à aliança entre o habitar e a regeneração urbana. Estes temas permitem considerar aspectos do fazer que nos orientam para um sentido global da promoção residencial capaz de gerar uma cidade mais amigável e humanizada. Esses aspectos têm muito a ver com a existência de um bom projecto de arquitectura, condição do fazer que é sempre difícil de caracterizar, mas que é fundamental, e sugerem linhas a privilegiar na concepção de novas intervenções habitacionais.

Linhas de acção desenvolvidas e a favorecer

Relação mútua, efectiva e afectiva, entre interior e exterior residencial

É uma aliança que se joga, frequentemente, com soluções estimulantes de transição no limiar entre interior e exterior. Em muitos casos consegue-se através da concepção integrada da arquitectura dos edifícios e dos espaços exteriores. Revela-se operativa a introdução estratégica e afirmada de áreas de verde urbano, na medida em que as pessoas, as cidades e o ambiente precisam, urgentemente, dessa função.

Diversificação social e integração de pequena escala

A mistura social através da articulação de pequenos grupos—que se consegue com a diversificação de soluções residenciais relacionando-as com a intervenção social e a gestão de proximidade—é um factor crucial. Há que acabar definitivamente com a repetição, ainda que pontual, de erros de concentração, discriminação ou isolamento na localização dos conjuntos.

A consideração dos modos de habitar mais específicos de minorias étnicas foi uma temática que ganhou importância e que continua a ser muito discutida. Há excelentes exemplos onde se terá atingido um equilíbrio adequado, mas é fundamental poder avaliá-los e aprender com eles.

Diversidade tipológica e intervenções de pequena escala

A pequena escala de intervenção favorece a participação dos habitantes e uma integração natural na respectiva envolvente urbana. Com essa participação é possível desenvolver a identidade local e um positivo sentido comunitário de modo a propiciar a criação de conjuntos residenciais que sejam, simultaneamente, bons elementos urbanos e estímulos de qualificação social. Às várias escalas de intervenção soma-se a necessária diversidade de promoção que, na experiência recente, tem resultado de três modalidades distintas: municipal, cooperativa e privada. As várias modalidades geram uma diversidade tipológica positiva. A mistura de diferentes intervenientes, com modelos tipológicos alternativos e com aplicações em escalas controláveis, permite

uma actuação de base local e micro-urbana, geradora de soluções com imagens integradas e estimulantes, quando ligadas a um bom desenho arquitectónico.

Relação entre diversidade tipológica e respectivos promotores

Uma condição muito positiva nas misturas sociais disponibilizadas foi a relação entre a diversidade de soluções e tipologias e a diversidade dos respectivos promotores. Embora seja necessário ter muito cuidado com estas misturas por poderem funcionar em sentido inverso e, em vez de serem integradoras, tornarem a vida mais difícil às famílias e criarem situações de conflito—pretende-se, assim, que as misturas sociais sejam completas e potencialmente integradoras e que sejam associadas a uma gestão de proximidade sensível e eficaz. Para alcançar essa diversidade de promotores, a promoção cooperativa é um aliado capaz de assegurar excelentes condições iniciais de enquadramento participativo, prolongando as intervenções em acções de gestão de proximidade.

Novas formas de habitar

Ficou evidenciada a necessidade de proporcionar novas formas de habitar, quer através da reconversão de velhos edifícios, quer do desenvolvimento de novas soluções residenciais. É possível desenvolver formas de habitação corrente mas muito adaptáveis: soluções com diversos menus de serviços comuns; intervenções mais gregárias ou marcadas por exigências caracterizadas. Essas ofertas estão relacionadas com procuras específicas, nomeadamente soluções de ligação entre actividades residenciais com apoio de saúde e hospitalar, como são exemplo as residências assistidas e com serviços comuns para idosos. São também exemplo as soluções destinadas a pequenos agregados familiares e a indivíduos independentes que vivem sós e que, frequentemente, conjugam o espaço de habitar com o espaço de trabalho.

Qualidade do desenho e integração urbana

Foi sendo desenvolvido um conjunto significativo de intervenções residenciais bem desenhadas e bem integradas na cidade. Essas intervenções caracterizam-se por um sentido de identificação, de escala humana e mesmo de afectividade que coopera, activamente, na (re)estruturação dos tecidos e na criação de sequências coesas e estimulantes de troços de paisagem urbana com continuidade. Procura-se uma densificação estratégica, com uma arquitectura amigável e cívica que se exprime através de um desenho integrado com as paisagens urbanas e naturais preexistentes, favorecendo a criação de vizinhanças conviviais e embebidas nas respectivas envolventes, proporcionando a integração física e social (entre velhos e novos residentes) em opções que apostam na ampliação activa do habitar para o espaço exterior circunvizinho.

Adaptabilidade de soluções-base

Identificou-se um conjunto significativo de soluções-base de fogos, em termos de distribuição de zonas funcionais e de adaptabilidade a diversos modos de habitar. Trata-se de equilibrar espaços domésticos bem caracterizados e espacialidades conviviais, num equilíbrio difícil, mas estimulante, de áreas controladas. Há que sublinhar que os melhores espaços não são, necessariamente, os espaços maiores.

Relevância da habitação de interesse social na arquitectura contemporânea

A habitação de interesse social tem desempenhado um papel relevante na arquitectura portuguesa contemporânea, por ser um género de promoção que esteve, desde sempre, associado ao trabalho de arquitectos. Tornou-se claro que viver numa obra de boa arquitectura residencial é uma experiência muito positiva, levando a crer que *uma escola melhor desenhada leva a um melhor ensino, uma casa e um escritório melhor desenhados resultam em pessoas mais felizes.*⁵ Verifica-se, assim, que a promoção de habitação de interesse social pode e deve assumir um papel de relevo como ferramenta de desenvolvimento pessoal, familiar e social dos habitantes e das respectivas vizinhanças e comunidades locais.

A NATUREZA HUMANA DA QUALIDADE ARQUITECTÓNICA RESIDENCIAL

As matérias associadas à humanização dos espaços de residência e da cidade são fundamentais no leque de aspectos que acabaram de ser sumariamente abordados. Como atrás se referiu, um verdadeiro habitar vai da habitação à vizinhança e à cidade. Um habitar humanizado refere-se a esta dupla escala doméstica e pública e pode definir-se como sendo aquele cujas características residenciais e urbanas não são massificadas, monótonas, segregadas social e fisicamente, nem ambientalmente frias, visualmente agressivas, com excesso de presença rodoviária ou com ausência de espaços verdes urbanos. Salienta-se, ainda, que uma solução residencial caracterizadamente humanizada é muito mais do que uma dimensão quantificável, constitui-se como uma forma de comunicação e de sociabilização onde se desenvolvem dimensões metafísicas. É um lugar com um carácter especial que vai para além da «simples» identificação com o respectivo sítio/solução e que nos possa vir até a marcar, positivamente, na nossa forma de habitar, conviver e viver a cidade; um lugar com potencial para dialogar com o nosso ser mais genuíno, um lugar que seja como que um suplemento de alma. Afinal a qualidade do habitar não se trata apenas com números ou receitas a repetir, nem as soluções modelos estão associadas a uma qualquer satisfação garantida. O fazer da cidade e da casa do Homem liga-se, essencialmente, a aspectos qualitativos, *os desafios a enfrentar no mundo de hoje não dizem apenas respeito às quantidades e aos números, mas também,—e sobretudo—à complexidade e à subtilidade.*⁶

O objectivo urgente é fazer uma cidade bem desenhada, que seja também claramente amigável e, portanto, humanizada. Uma cidade de que nos orgulhemos pela sua valia cultural, mas também onde aconteçam coisas e onde *de vez em quando* apeteça ir *por uma dessas ruazinhas que não se sabe onde irão acabar, deixando correr o tempo ao sabor dos passos erradios...*⁷



—Unidade Residencial João Barbeiro, FFH e IGAPHE/INH, Beja, 1984,
Arquitectos Raúl Hestnes Ferreira e Manuel Miranda—

Uma cidade culta e mais amiga depende de soluções integradas que maximizem as vantagens de dois mundos: o urbano e o doméstico, o exterior e o interior. Depende de vizinhanças que conjuguem as nossas casas com os cenários vivos da nossa cidade e com a paisagem, através de soluções específicas adaptáveis a diversos hábitos, bem identificáveis e envolventes. Desta forma o habitar pode invadir as vizinhanças desejavelmente «afectivas», apropriáveis e dignas de uma cidade, que assim se torna mais viva e estimulante. A importância deste sentido amplo de habitar é determinante quando as pessoas têm com condições socioculturais e económicas deficientes, permitindo-lhes integrarem-se numa vida urbana intensa e contínua. Por isso há que privilegiar as *propostas que melhor se adaptam à sua localização na cidade, às suas características de morfologia urbana e que introduzem melhorias nas respectivas envolventes*»,⁸ aprofundando os valores de proximidade que tudo têm a ver com uma cidade mais amigável.

Uma vida cidadina densa e animada é triplamente importante: seja na oferta de ambientes socioculturais estimulantes e que não existem, infelizmente, em muitas famílias, seja para complementar a vida doméstica solitária de tantas pessoas—e são cada vez mais os jovens e

os idosos que vivem sozinhos nas cidades ocidentais—, seja para proporcionar um verdadeiro suplemento de carácter, de convivialidade e de estímulos ao habitar urbano. Contudo, para criar uma verdadeira vida pública há que privilegiar o verdadeiro estar prolongado em ruas, praças e galerias.⁹ E na sociedade actual, marcada pelo egoísmo e pelo isolamento individual, precisamos mais do que nunca de uma cidade «calorosa», bem identificável e generosa, que se oponha à banalização do espaço urbano e à repetição monótona de soluções sem carácter.

Uma cidade mais generosa e humanizada tem de ser também o lugar de uma intensa mistura de actividades e ambientes—que nada tem a ver com o «velho» zonamento da cidade moderna—, e ser servida por um *urbanismo multisensorial*, verdadeiramente lúdico, marcado pela diversidade de sequências e imagens urbanas pormenorizadas. Essa é uma condição essencial para a vivência de uma cidade feita de proximidades, de surpresas, de identidades e de imagens marcadas por uma escala humanizada, uma cidade cuja força apague as intervenções urbanas bastardas das quais ninguém assume a paternidade.¹⁰

Em todas estas matérias nunca é demais salientar a importância de se aprofundar a diversidade, mas também a coerência dos meios urbanos. Afinal trata-se de fazer *de cada casa e de cada cidade uma porção de lugares, pois uma casa é uma cidade em miniatura e uma cidade é uma casa enorme*.¹¹ Esta ideia de criação de muitos lugares bem interligados é fundamental para uma cidade coesa e humanizada.

Sobre a humanização do habitar

Há um conjunto de linhas estratégicas que se devem desenvolver para alcançar uma melhor arquitectura residencial.¹² Sublinha-se a ideia que viver em tais condições pode ser, realmente, uma possibilidade muito positiva e gratificante, capaz de resultar na felicidade de mais pessoas.

Essa oportunidade de felicidade assume importância estratégica quando se desenvolvem conjuntos residenciais dedicados a pessoas socialmente desfavorecidas, conjuntos estes que podem e devem assumir um papel de relevo como ferramenta de desenvolvimento pessoal, familiar e social dos seus habitantes e das respectivas vizinhanças e comunidades locais.



—Travessa do Sargento Abílio, Calhariz de Benfica,
Câmara Municipal de Lisboa, 2001, Arquitecto Paulo Tormenta Pinto—

Desmultiplicação de escalas

O habitar deve repartir-se entre os mundos domésticos e a cidade, através de uma escala social e de vitalidade pública, de uma escala de vizinhança e de convívio e da marcação estratégica e cuidadosa da própria escala humana.

Se há lugares onde parece que até na rua estamos em casa, verdadeiras «ilhas de paragem» cativantes e capazes de definir espaços claramente vivos e únicos numa cidade grande, eles caracterizam-se por escalas adequadas às múltiplas dimensões do lugar. Nesta matéria é também fundamental o respeito pelo «espírito do lugar», e a (re)descoberta da «cidade do vagar», estruturada por acessibilidades pedonais e enriquecida por espaços públicos pontuados por sequências de pólos de convívio.

Cooperação disciplinar

Importa aprofundar a sensibilidade na concepção das soluções urbanas e residenciais, favorecendo as pontes entre o habitar, os habitantes e os respectivos modos de vivência de edifícios e espaços exteriores, através

de uma preocupação arquitectónica específica e pela cooperação com as humanidades e as ciências sociais. Afinal, *aquilo a que hoje se chama pluridisciplinaridade não é uma metodologia, é a única metodologia possível para se perceber seja o que for.*¹³

Aprende-se muito com o estudo dos erros e das boas práticas, e hoje em dia continuamos a conhecer mal muitas das pessoas para os quais ajudamos a construir casas e bairros, assim como conhecemos mal muito do que se passa nos diversos espaços residenciais. A aproximação ao conhecimento e à compreensão dos níveis de satisfação dos habitantes, através de análises a espaços urbanos, tem de ser um esforço multidisciplinar.¹⁴

Estratégias de inclusão

Temos de tudo fazer para que as nossas cidades sejam expressivamente amigas dos seus habitantes, privilegiando os grupos sociais mais sensíveis, nomeadamente as crianças e os idosos.

As cidades devem apoiar o crescer e o envelhecer e serem seguras, *«a ordem pública não é mantida basicamente pela polícia mas sim pela rede intrincada de controles e padrões de comportamento espontâneos... e que o problema da insegurança não pode ser solucionado pela dispersão das pessoas... Numa rua movimentada consegue-se garantir segurança; numa rua deserta não...»*¹⁵—importa assim privilegiar espaço «defensáveis» e naturalmente animados.

Por isso se diz ser *desejável que a cidade voltasse a ter como medidas de planeamento o peão e o utente do transporte público. Tal corresponderia, a uma ligação mais epidérmica com o espaço, à possibilidade de se instalar durabilidade no tempo de gozo da cidade.»*¹⁶ Torna-se claro aquilo que precisamos de combater: lugares onde *as pessoas vivem nos interstícios das grandes vias e o automóvel é soberano na cidade. As áreas residenciais são (ai) áreas residuais entre os sistemas de circulação.*¹⁷

Soluções milenares e outras

Devemos aproveitar toda a informação que existe sobre casos tipológicos com muitos anos de vivências. Um exemplo é a «casa-pátio», solução com mais de 6.000 anos e ainda em uso. Há muitos outros exemplos excelentes que não são conhecidos nem divulgados, preferindo-se repetir, cegamente, soluções correntes e tantas vezes pouco



—Cooperativa O Nosso Piso, Conceição de Tavira, 1992,
Arquitecto Pedro Serra Alves (GAR de Tavira)—

qualificadas. Há modelos residenciais alternativos que permitem alcançar a adaptabilidade necessária à contemporaneidade.

A resposta doméstica é a adaptabilidade. Na envolvente há que favorecer estimulantes elementos de identificação e de transição entre casa, vizinhança e cidade. Na cidade é necessário aprofundar a ligação entre densidade, convivialidade, forma urbana e escala humana. Importa desenvolver uma cidade e habitação mutuamente bem apoiadas.

Estímulos emocionais

É necessário interiorizar que *o habitante necessita de emoção na percepção e na relação afectiva com o espaço urbano*.¹⁸ A solução residencial e urbana *não deve ser apenas confortável mas também estimulante*,¹⁹ e o projecto de arquitectura deve promover esta adequação fundamental, que já foi designada como *forma convidativa*, por ser aquela que tem mais *afinidade com as pessoas*.

Uma forma convidativa é construída por uma escala humanizada, por uma densificação cuidada, pelo verde urbano suavizador, por discretos elementos de identificação, pela pedonalização estratégica, pelo

sossego e soluções de acalmia do tráfego. Trata-se de conceber a unidade entre exteriores, interiores e limiares de transição e relação, consolidada em sequências estimulantes.

Integração física e social

Defende-se um habitar integrado, ligado à paisagem e a uma cidade viva, diversificada e coesa. Uma integração feita *na adaptação do sítio ao programa e do programa ao sítio*,²⁰ servindo simultaneamente a valorização paisagística e a continuidade urbana. A integração física acompanha a integração sociocultural, tendo em conta que *mais do que desenhar para um pluralismo cultural, o que é altamente complexo... a única solução é a heterogeneidade a uma escala e a homogeneidade a outra, com zonas neutras intermediárias*.²¹

E quanto à animação urbana há que assegurar uma equilibrada e estratégica integração de actividades, nem a mais nem a menos, nos sítios certos, nas alturas certas, nas misturas certas, e privilegiando-se o peão e os equipamentos ligados à coesão urbana e ao convívio diário.

Lugar, paisagem e natureza

Sabemos que *a paisagem é cada vez mais uma questão de arquitectura e uma questão de cidade*.²² Importa por isso privilegiar soluções marcadas pelo carácter do lugar e pela relação com a natureza.

Nesse contexto, a inclusão de verde urbano pode ser crucial e proporcionar múltiplos aspectos de bem estar, saúde e satisfação cultural, havendo quem diga que *«se grande parte das ruas têm ambientes insuportáveis, a única coisa que as vai poder humanizar é o verde.»*²³

Potenciar o carácter local

*A arquitectura preocupa-se com algo mais do que necessidades práticas e economia. Ela refere-se a conteúdos e significados existenciais experimentados como ordem e carácter.*²⁴ Por vezes o projecto não é mais do que um elemento de valorização e união de condições naturais e urbanas preexistentes, é uma espécie de complemento subtil no sentido de alcançar uma sobriedade adequada e um carácter que nos fale à alma.

NOTAS FINAIS

Numa cidade contemporânea em que quase desapareceram os pequenos mundos intermediários das famílias alargadas e das comunidades de vizinhos, onde se fica tantas vezes isolado no refúgio doméstico, torna-se urgente o desenvolvimento de práticas de re-humanização da cidade e o desenvolvimento de soluções residenciais e urbanas sensíveis a esta problemática. Neste sentido e com este objectivo, a habitação feita com apoio do Estado pode e deve contribuir para a melhoria do universo doméstico, de convizinhança e de cidadania. Para alcançar tal objectivo é fundamental uma prática humanizadora que irá, sem dúvida, influenciar positivamente os habitantes. Louis Kahn argumentava que *na natureza do espaço estão o espírito e a vontade de existir de uma dada maneira*. Perseguindo esses objectivos poder-se-á fazer habitação e cidade que atinjam um verdadeiro significado social.

Neste texto defendemos objectivos para soluções residenciais e urbanas que possam contribuir, quer para uma cidade melhor habitada, mais naturalmente misturada e integrada, quer para um habitar que sendo adequado e multifacetado seja também, verdadeiramente, um pouco de boa cidade.

Talvez que o tema comum para uma cidade viva e uma habitação com interesse social seja a caracterização humanizada de um habitar à pequena escala, com vizinhanças mutuamente bem conjugadas que embebam a escala amigável do sossego proporcionado pelo sentido básico do abrigo. Partindo desse sentido unitário de habitar, da sua protecção e apropriação, gera-se convivialidade entre vários grupos socioculturais, disponível através de associações simples e diversificadas, capazes de participar activamente na construção das escalas maiores e vizinhanças mais alargadas, de bairros e de partes de uma cidade mais urbana e coesa. E em tudo isto não temos qualquer dúvida em afirmar que humanizar a cidade é urgente e implica, em todos os casos, pensar bem bem para lá dos aspectos puramente quantitativos.

NOTAS

- 1 Manuel Correia FERNANDES, «Anos 80 As Cooperativas de Habitação e o Desenho da Cidade, a Senhora da Hora em Matosinhos» in *Encontros AAP Habitação*, 1.º Encontro: *fazer cidade com habitação*, Lisboa, Sede Nacional da AAP, 8 de Maio de 1998, p. 1.
- 2 Jan Gehl defende que, se antigamente uma casa cheia de gente era uma pequena cidade, hoje em dia os que vivem sós ou em pequenos grupos, precisam da vida urbana para viverem com diversidade e estímulo. Jan GEHL, «A Changing Street Life in a Changing Society» in <<http://repositories.cdlib.org/ced/places/vol6/iss1/JanGehl/>>, consultado em 13.02.2009>.
- 3 A metodologia seguida nestes prémios pode ser conhecida por consulta aos 20 catálogos respectivos, editados pelo INH – Instituto Nacional de Habitação, entre 1989 e 2006 e actualmente editados pelo IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (2007 e 2008), e no livro *Instituto Nacional de Habitação, 1984–2004: 20 anos a promover a construção de habitação social*, editado pelo INH, em 2006, e disponível por solicitação ao IHRU.
- 4 António Baptista COELHO, *Instituto Nacional de Habitação, 1984–2004: 20 anos a promover a construção de habitação social*, Lisboa, INH, LNEC, 2006.
- 5 George Ferguson, presidente do *Royal Institute of British Architects*, citado por Rita Jordão SILVA, «Inauguração da nova galeria do Victoria and Albert Museum» in *Público*, 29 de Novembro de 2004.
- 6 Leonardo BENEVOLO, Benno ALBRETCH, *As Origens da Arquitectura*, Lisboa, Edições 70, 2004 (1.ª ed. 2002), pp. 10–13.
- 7 Daniel FILIPE, *Discurso sobre a cidade*, Lisboa, Editorial Presença, Colecção Forma n.º 8, 1977 (1.ª ed. 1956), pp. 51, 70.
- 8 Josep Maria MONTANER e Zaida Muxí MARTÍNEZ (dir.), *Habitar el presente, Vivienda en España: sociedad, ciudad, tecnología y recursos*, Madrid, Ministerio de Vivienda, 2006, p. 32.
- 9 Tal como defende Jan GEHL, «A Changing Street Life in a Changing Society» in <<http://repositories.cdlib.org/ced/places/vol6/iss1/JanGehl/>>, consultado em 13/02/2009.
- 10 Aqui usaram-se noções dos arquitectos François Ascher e José Luís Azkárate. François ASCHER, *Les nouveaux principes de l'urbanisme*, La Tour d'Aigues, Éditions de l'Aube, 2004 (1.ª ed. 2001), pp. 94–95.
- 11 Aldo van Eyck citado por Herman HERTZBERGER, *Lições de Arquitetura*, São Paulo, Martins Fontes, 1996 (1.ª ed. 1991), p. 193.
- 12 Estas linhas foram desenvolvidas num estudo recente realizado no Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil. António Baptista COELHO, *Habitação humanizada – uma apresentação geral*, Lisboa, LNEC, 2007.
- 13 Fernando GIL, entrevista ao jornal *Expresso*, 10 de Dezembro de 1993.
- 14 Na aproximação à satisfação dos habitantes têm decorrido no Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil análises residenciais multidisciplinares e retrospectivas; e sublinha-se que o próprio Grupo Habitar, uma associação técnica e científica com sede no NAU do LNEC, resultou da riqueza que se percebeu existir nessa multidisciplinaridade.
- 15 Jane JACOBS, *Morte e vida das grandes cidades*, trad. Carlos Mendes Rosa, São Paulo, Martins Fontes, 2001 (1.ª ed. 1961), pp. 32–41.

- 16 António Pinto RIBEIRO, *Abrigos: condições das cidades e energia das culturas*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004, p. 18.
- 17 Manuel Tainha referindo-se ao caso de Chelas, em João Carlos FONSECA, José Charters MONTEIRO, «O artista é o mais frio dos homens – entrevista com Manuel Tainha», *Arquitectura e Vida*, n.º 2, 2000.
- 18 Francisco de GRACIA, *Construir en lo Construido*, Madrid, Editorial Nerea, 1992.
- 19 Herman HERTZBERGER, *LIções de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 1996 (1.ª ed. 1991), p. 174.
- 20 Tal como aponta Michael LAURIE, *Introducción a la arquitectura del paisaje*, Barcelona, Gustavo Gili, 1983 (1.º ed. 1975), pp. 176-177.
- 21 Amos RAPOPORT, *Aspectos humanos de la forma urbana – Hacia una confrontación de las Ciencias Sociales com el diseño de la forma urbana*, Barcelona, Gustavo Gili, 1978 (1.ª ed. 1977), pp. 293, 307.
- 22 Inês Moreira dos Santos e Rui Barreiros Duarte (entrevistadores), «Estruturas de mudança – entrevista com Gonçalo Byrne», in *Arquitectura e Vida*, n.º 49, 2004, P. 51.
- 23 Kenneth Frampton em entrevista a Ana Vaz MILHEIRO, Isabel SALEMA, «Há um forte sentimento pela paisagem» in *Jornal Público*, 11 de Julho de 1998.
- 24 Christian NORBERG-SCHULZ, *Meaning in Western Architecture*, New York, Rizzoli, 1993 (1.ª ed. 1974).

ANTÓNIO BAPTISTA COELHO (Sítio da Nazaré, 1956) é arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, doutor pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, investigador principal com habilitação no Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, presidente da direcção do Grupo Habitar e vice-presidente da Nova Habitação Cooperativa. Publica regularmente e é editor do blog-revista <http://infohabitar.blogspot.com>.

OPÚSCULOS

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

- | | | |
|--------------------------------|----|--|
| <i>José Capela</i> | 1 | UTILIDADE DA ARQUITECTURA: 0+6 POSSIBILIDADES |
| <i>Pedro Gadanho</i> | 2 | PARA QUE SERVE A ARQUITECTURA? |
| <i>Godofredo Pereira</i> | 3 | DELÍRIOS DE PODER |
| <i>André Tavares</i> | 4 | AS PERNAS NÃO SERVEM SÓ PARA ANDAR |
| <i>Rui Ramos</i> | 5 | ELENCO PARA UMA ARQUITECTURA DOMÉSTICA |
| <i>Luis Urbano</i> | 6 | DUPLI_CIDADE E A FLÂNERIE CONTEMPORÂNEA |
| <i>Inês Moreira</i> | 7 | PETIT CABANON |
| <i>Susana Ventura</i> | 8 | O OVO E A GALINHA |
| <i>Guilherme Wisnik</i> | 9 | NIEMEYER: LEVEZA NÃO TECTÓNICA |
| <i>Miguel Figueira</i> | 10 | A MINHA CASA EM MONTEMOR |
| <i>Pedro Fiori Arantes</i> | 11 | O LUGAR DA ARQUITECTURA NUM «PLANETA DE FAVELAS» |
| <i>João Soares</i> | 12 | O SUPORTE DA MORAL DIFUSA |
| <i>Nuno Abrantes</i> | 13 | 739H/M ² |
| <i>Gonçalo M Tavares</i> | 14 | ARQUITECTURA, NATUREZA E AMOR |
| <i>Ana Vaz Milheiro</i> | 15 | AS COISAS NÃO SÃO O QUE PARECEM QUE SÃO |
| <i>Bernardo Rodrigues</i> | 16 | ARCHITECTURE OR SUICIDE |
| <i>Miguel Marcelino</i> | 17 | A BELEZA INVISÍVEL DAS COISAS |
| <i>António Baptista Coelho</i> | 18 | ENTRE CASA E CIDADE, A HUMANIZAÇÃO DO HABITAR |
| <i>Pedro Bismarck</i> | 19 | LE DÉCOLLAGE DU ZYX24 |